

O PORTUGUÊS ARCAICO: HISTÓRIA INTERNA

Paulo José Tente da Rocha Santos Osório (UBI-PT)
pjtrso@ubi.pt

RESUMO

Após uma breve contextualização ao objeto da linguística histórica, traçaremos os principais períodos da história da língua portuguesa. Posteriormente, procederemos a uma caracterização fonológica, morfológica, sintática e lexical do português medieval, bem como à análise histórico-linguística de alguns textos deste período.

Palavras-chave: Diacronia. História da língua. Português arcaico. História interna.

1. *Justificação teórico-metodológica do minicurso*

Devo, em primeiro lugar, tecer algumas breves considerações acerca do enquadramento teórico-metodológico que adopto na leção do minicurso, bem como esboçar alguns pressupostos julgados fundamentais em qualquer curso de linguística histórica e, de forma específica, no respeitante ao programa delineado neste documento.

É importante que, numa primeira fase, os formandos estejam cientes do facto de que as línguas possuem uma dupla dimensão, isto é, uma feição de natureza sistemática e uma outra de pendor histórico. Assim, as línguas são um diassistema, naturalmente complexo, onde imperam movimentos indiciadores de alguma instabilidade, aspeto que tem maior expressão em fases passadas da língua. Dar-se-á, assim, fulcral relevância a um dos planos fundamentais da língua: a sua evolução e os fenómenos da variação e da mudança intrínsecos ao devir temporal e ao seu funcionamento linguístico. Por força das variações e mudanças, que ocorrem no sistema linguístico, há efetivamente inerente às línguas, um patamar que releva de uma certa heterogeneidade. É, pois, fundamental que os formandos concebam que *sincronia* e *diacronia* se complementam, sendo que as línguas se transformam no percurso do tempo, assumindo a diacronia um papel capital na reflexão linguística, uma vez que pretende privilegiar a evolução do sistema.

O caminho a percorrer neste minicurso é o de uma Linguística Diacrônica, concebendo a língua como um fenómeno em perene devir, assente no pressuposto apontado por Wilhelm von Humboldt (1949 *apud* COSERIU, 1988, p. 44-45) de que uma língua não é um produto, um estado (*ergon*), mas uma atividade, um processo (*energeia*). Julgo preferir

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vel, apoiado em Coseriu, fazer corresponder diacronia/lingüística diacrônica a lingüística histórica, uma vez que:

(...) los términos lingüística sincrónica y lingüística diacrónica, por la contradicción y los equívocos que implican, resultan inaceptables, y sería bueno eliminarlos. Lingüística descriptiva y lingüística histórica son, sin duda, mejores. (COSERIU, 1988, p. 318)

Pretendendo a lingüística histórica tratar os problemas inerentes à mudança lingüística, os contributos da sociolingüística afiguram-se-me valiosos. A minha preocupação, no entanto, na formação, será recordar sempre aos formandos que uma análise lingüística deverá partir de uma perspectiva interna e não, somente, externa. No entanto, sempre que possível, o linguista poderá tomar em linha de conta as mudanças sociais e culturais, que melhor permitem definir o estágio lingüístico em análise. Sendo o objeto de estudo da lingüística histórica a abordagem do fenómeno da mudança lingüística, sublinho que as motivações, inerentes a tal mudança e à variação nos textos medievais, são de ordem diversa: motivações de nível estrutural, sistemático e interno, por um lado, e, por outro, motivações externas pertencentes ao contexto extralingüístico, nomeadamente no que respeita aos domínios social, geográfico, político, cultural, entre outros. Apesar da coexistência de fatores sistemáticos e externos na língua, sabemos da importância que a inter-relação destes assume na marcha evolutiva da mesma língua.

A sociolingüística, quando aplicada à lingüística histórica (sociolingüística histórica), atribui um significativo valor aos fatores externos:

O interesse e a importância da teoria sociolingüística para a investigação teórica e metodológica da mutação lingüística em geral residem, precisamente, não só nos contributos que a sua metodologia poderá fornecer para lançar um pouco de luz no processo da mudança e explicar o presente, mas também na importância da aplicação, a épocas passadas da língua, das descobertas feitas no âmbito da análise das mudanças em curso, no sentido de minorar a insuficiência dos documentos do passado. (CARVALHO, 1998, p. 196)

É este o enfoque que seguirei ao longo da lecionação do minicurso, uma vez que, na perspectiva sociolingüística, a língua é, inerentemente, dotada de variações:

A tarefa mais importante da sociolingüística histórica é desenvolver um conjunto de procedimentos para a reconstrução da língua no seu contexto social, mediante a aplicação dos instrumentos operativos fornecidos pela sociolingüística, como forma de controlo nesse processo de reconstrução. (CARVALHO, 1998, p. 197)

2. Programa do minicurso

- 1. O português arcaico (fase galego-portuguesa e português médio).**
 - 1.1.** Dados linguísticos: domínio fonológico, morfológico, sintático e lexical.
 - 1.2.** O fim deste período. Mudanças em curso.
- 2. Fontes escritas do português arcaico.**
 - 2.1.** Métodos.
 - 2.2.** A documentação remanescente. Os textos como fontes: fontes textuais, tipologias e transmissão textual.
- 3.** Análise histórico-linguística de alguns textos do português arcaico.

3. Fontes documentais para A LECIONAÇÃO do ponto 3 do programa

Têm sido elaborados diversos trabalhos com vista ao estabelecimento de uma tipologia dos textos disponíveis. Lembro, a título de exemplo, os estudos levados a cabo por Luís Filipe Lindley Cintra (1963), Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989) e Ivo Castro (1991 e 2006), entre outros.

Apesar de utilizar, para o ponto 3 do programa, os textos do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, não raro, na tentativa de banir algumas dúvidas que a análise do *corpus* coloca, procedo à análise das próprias edições⁴ que deram origem aos textos editados em versão digital⁵. Os textos, disponíveis em www.cipm.fcsh.unl.pt, selecionados para exploração com os formandos no minicurso são:

⁴ Como afirma José António Souto Cabo (2008, p. 16): "O editor de textos medievais assume muitos riscos e uma grande responsabilidade quando se torna intermediário entre aquilo que um escriba plasmou sobre o pergaminho e o linguista que, a partir daquele texto, em versão impressa, tenta descrever a língua num determinado momento do seu passado".

⁵ Como afirma Clarinda de Azevedo Maia (1986, p. 19): "A transcrição de textos antigos, sobretudo quando anteriores ao século XV, exige cuidados especiais da parte do editor, muito especialmente quando eles se destinam a estudos de carácter linguístico. Só uma transcrição extremamente fidedigna e cuidadosa permitirá deixar transparecer todos os traços fónicos ou fonológicos visíveis nos originais manuscritos".

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3.1. Documento CAO01, da Chancelaria de D. Afonso III, Séc.
XIII, 1255, Estremadura, Lisboa, Notário: João Soares

((Livro I, fl. 9r AB)) ((D 1255 07 10)) ((Assunto: Carta de foro de Telões de Aguiar)) e

Fólio 9rA

((L015)) Carta de foro h(er)editatis ((L016)) de Teloës de Aguiar. ((L017)) Sabiam todos aqueles q(ue) esta carta uirẽ q(ue) eu don Alfonso ((L018)) pela graça de deus Rey d(e) Portugal & Conde d(e) ((L019)) Bolonia fazo carta de foro a uos pobladores da mya ((L020)) herdade de Tolones de Aguiar. dou uos quãta h(er)dade ((L021)) ei. en essa villa cū seus t(er)mios nouos & antigos a foro ((L022)) a saber é como p(ar)te pelo porto d(e) vereã cono Souto ((L023)) & i outra parte cono Porto dos Oleyr(os). & i out(ra) p(ar)te ((L024)) como uay pelas ueygas áas carualias gẽmeas. & ((L025)) ende uay aos terreõs dos vidos. da agua de Lampazas ((L026)) & ende p(ar)te cū Jzimã pelo terreõ de mata filios. ((L027)) & como parte cū soutelo pelo marco de Carualia. e como ((L028)) parte cono t(er)myo do castelo e como p(ar)te cona poboacion ((L029)) pela agua do Cadouzo & como parte pelas vereãs ((L030)) e uay ao Portu da verrea. do uos esta h(er)dade cõ ((L031)) sua entrada & cū sua sayda q(ue) seiades dez & sette poboadores ((L032)) ou mays se q(ui)serdes. mays estes dez & sette mj ((L033)) façã foro & recebam q(ua)ntos q(ui)serẽ. & estes dez & sete ((L034)) foreyros. paguẽ a mj cadã áno & a meus successeurs ((L035)) segnos moyos de pan ateygados. & nõ mao postos a ((L036)) meyadade d(e) centeo & meyadade d(e) milo. pela midida ((L037)) da terra d(e) aguiar. & dade este pam i Requeyso ((L038)) atéas a festa de san Miguel. & dade mi dez & sete marauidis ((L039)) as tercias do ano una tercia i Kalendas ((L040)) agustas. & out(ra) tercia i K(a)l(end)is Decẽbrias & out(ra) ((L041)) t(er)cia i K(a)l(end)is ap(ri)lis. & dademi i dia de Nathal cadã áno ((L042)) doze spadoas d(e) porcos cū uinti e q(ua)tro paes segundo ((L043)) o costume da t(e)rra & duze galinas cum cento & uijnti ((L044)) ouos & dademi tres Carneyros por Coleyta enos ((L045)) Mes de mayo. & Cada uno de uos mi de uno marauidi ((L046)) q(ua)ndo morrer por loytosa. & nõ peytedes se nõ ((L047)) tres coomias se as fezerdes. a ssaber est umezio Rouso ((L048)) & furto. & do omẽ morto polo omezio; dade #x marauidis ((L049)) a meyadade a páácio & meyade a concelo. & ((L050)) do rouso out(r)o tâto furto qual u fezerdes tal u peytad(e). ((L051)) p(er) enq(ui)siciõ de omées bóos. & esto seia p(er) homées de ((L052)) uossa villa & nõ p(er) outros. Aiades uos & todos uosos ((L053)) successeurs esta h(er)dade dauãdita. en paz i to-

dos ((L054)) tempos. & fazede ende a mi & e a todos me(us) succesores ((L055)) estes foros dauanditos & nõ mays. Esta h(er)dade

Fólio 9vB

((L001)) nõ dedes nõ ueẽũndades nõ emplazedes nõ enpenoredes ((L002)) a nõguũ omẽ. senõ a omẽ vilao q(ue) mi faça ende meu foro ((L003)) en paz. & q(ue) esta cousa seia mais firme e mais stauil ((L004)) p(er)a sempre dou uos esta mha carta aberta séełada de ((L005)) meu séełõ ã testimoyo. Dat(a) ã Lixbõa Reg(em) mandou ((L006)) per don Gil m(a)rtij'z mayordomo da Corte. e pelo Chãceler ((L007)) #x^a dies andados d(e) Julio. Johã suariz a fez. E^a ((L008)) #M^a #CC^a #Lx^a #iiij^a.

3.2. Documento TOX002, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIII, 1289, Ribatejo, Santarém, Notário: Domingos Iohannis

((ANTT Gavetas 010111)) ((L001)) In n(omi)ne d(omi)nj amen. Conhoscamos todos aqueles que este strumento uirẽ & léer ouuirẽ q(ue) ((L002)) na E(ra) #M^a #CCC^a #xxvij^a. Domĩgo noue dias andados de Janeyro na Alcaçoua noua ((L003)) delRey en Santarẽ. p(re)sentes o onrado barõ don Domĩgos pela gra(ça) de de(us) ((L004)) Bispo de Euora & Chanceler do muy nobre senhor don Denis pela gr(ça) de de(us) Rey ((L005)) de port(ugal) & do Algarue. Soeyro petite Pedro martij'nz da romeyra Steuam eanes ((L006)) Arcidiago de Santarẽ Steuam de ratis Joam soariz Pedro mééndiz da fonseca Pedro ((L007)) ribeyro Ruy paez bugalho. Steuam eanes sobriõ de don Oane. Pedro paez. & p(re)sentes ((L008)) nos Domĩgos i(o)h(a)n(e)s e Steuam iuyães publicos Tabelliões de Santarẽ don Martin ((L009)) gil alferaz mayor del Rey. & Lourẽço martij'z scola porteyro mayor del ((L010)) Rey & mayordomo mayor da Reyna. canbadores & avij'dores antre nosso senhor ((L011)) elRey da hũa p(ar)te & dona Marĩa molher en outro tẽpo de Joam de Aúúyn ((L012)) & dona Maria sa filha da outra. sobrelo câbo & senhorio do Castelo de Portel & sobrela sensura ((L013)) ou tributo ou renda q(ue) dessa Egreia soen a dar pora guarda desse Castelo . os sobreditos ((L014)) don Martin gil & Lourenço scola disserõ & confessarõ que eles forõ canbadores ((L015)) & avij'dores antre o dito nosso senhor elRey & antre as donas desuso ditas . sobrelo ((L016)) canbo & senhoryo do dito Castelo & da p(er)teença da Egreia de suso dita. e disserõ que ((L017)) as ditas donas posserõ en eles este canbo en esta maneyra. que eles dessem q(ui)nentas. ((L018)) l(i)b(ra)s en canbo en vila e en senhorio

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

q(ue) ouuesse Juyz e senhorio p(er) sj. E outrosj disserõ ((L019)) q(ue) nosso senhor elRey. outrosj o pusera en eles. & q(ue) mādou & outorgou que lhís dessẽ ((L020)) en senhorio as (dit)as q(ui)ntas l(i)b(ra)s e mais quanto elas por bẽ teuessen & que antre ((L021)) fossem contra ele qua contra elas. E outro sj disserõ q(ue) as ditas donas q(ui)tarõ a menagẽ. Deste ((L022)) castelo de suso dito a Steuam rodrig(uiz) q(ue) o teyna entregarõno a Lourenço scola p(er) tal p(re)yto ((L023)) q(ue) se as (dit)as donnas nõ q(ui)sessẽ outorgar o canbho a composiçõ ou a auença q(ue) esses don Martin ((L024)) Gil e Lourenço scola por bẽ teuessen. q(ue) esse Lourenço scola entregasse o seniorio ((L025)) desse castelo e a (dit)a p(er)teença da egleia ao (dit)o nosso senhor el Rey. E outrosj p(er) essa ((L026)) méeisma maneyra se nosso senhor elRey nõ q(ui)sesse caber o canbo ou á auença q(ue) eles teuessẽ. ((L027)) q(ue) esse Lourenço martij'z tornasse esse castelo áaquela menagẽ e aquele stado en q(ue) ((L028)) era quando o teyna o (dit)o Steuam rodrigiz a esse Steuam rodrigiz ou a outro caualeyro qual ((L029)) essas donas dessem pora fazer a (dit)a menagẽ. E de poys q(ue) os (dit)os don Martiõ e Lourẽço ((L030)) scola disserõ e confessarõ q(ue) o feyto passara assj como dito e. p(re)guntarõ Pedro mendiz da fonseca ((L031)) e Steuam f(er)nandiz sobriõ do (dit)o don Oane q(ue) diziam q(ue) foram no trautamento deste ((L032)) feyto e eles disserõ q(ue) forã y & que assj passara o feyto en todo como suso e contado. E outrosj ((L033)) p(re)guntarõ Ruy paez bugalho. e disse q(ue) assj passara o feyto en todo como suso dito e. saluo ((L034)) q(ue) disse q(ue) se nõ acordaua q(ue) as (dit)as dona Mariõa & dona Maria sa filha outorgarõ que se nõ q(ui)sesẽ ((L035)) caber á auença. q(ue) o suso o (dit)o Lourenço martij'nz entregasse esse castelo a elRey. ((L036)) E o feyto stando assj. en este stado segundo como suso e escrito. os (dit)os don Martino e Lourenço ((L037)) scola pedirõ conselho ao Bispo e aos out(r)os oméés bóós q(ue) suso son escritos q(ue) lhís dissesẽ ((L038)) e lhís dessẽ conselho q(ue) fariam en este feyto e q(ue) lhís dissessem o que entendyam. y. por ((L039)) dereyto. e o bispo e os oméés bóós de suso ditos disserõ e derõlhís por conselho. q(ue) dessẽ ((L040)) áas (dit)as donas á auença e o canbo q(ue) eles teynã por bẽ e se o as donas q(ui)sessem outorgar ((L041)) ou caber o canbo ou á auença q(ue) eles por bẽ teuessen e q(ue) gardassem e comp(ri)ssem a nosso senhor elRey ((L042)) a condiçõ assj como fora posto. feyto o instrumento na era e no dya de suso dito e eu ((L043)) Domĩgos i(o)h(an)es publico Tabelliõ de Santarẽ a rogo dos de suso ditos dõ Martin ((L044)) gil & de Lourenço scola destas cousas de q(ue) p(re)sente fuj este publico instrumento p(re)sente ((L045)) fuj & aqueste instrumento con ma mão p(ro)p(ri)a escreuj & antralinhey tres dições cõuẽ ((L046)) a saber e q(ue) gardassem & este meu sinal y pugj q(ue) tal e ((L047)) E eu Steuam úyãez publico tabaliõ en

S(an)t(aren). a todalas cousas e cada hũas ((L048)) q(ue) suso son escritas p(or) mão d(e) Domïgo ioanes tabaliõ susodito. p(re)sente fuy e esta ((L049)) suscripçon aquí screuj´ e este meu signal y pugj en temoyo ((L050)) das cousas q(ue) suso escritas.

3.3. Documento TOX001, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIV, 1309, Estremadura, Lisboa, Notário: Pero Paez

((ANTT Chelas 400)) ((L001)) Sabham todos q(ue) em p(re)semça de mj P(er)o paiz Tab(e)lliõ d(e) lixboa Gil F(er)nãd(e)z ((L002)) mostrou huũ testemõio ffeyto p(er) mhao d(e) Joham d(omingu)iz Aleymã Tab(e)lliõ da ((L003)) Alboffeyra & de paderna assi como ã el parycy do qual o teor tal he ((D 1308)) ((P PAe)) ((T Alb)) ((N Johan Dominguez Aleyma)) ((L004)) Sabhã q(ua)ntos este strom(ento) virẽ como em p(re)semça d(e) mj (Joham) d(omingu)iz Aleymã Taballiõ ((L005)) ĩ a Albofeyra & d(e) paderna & das t(estemunha)s q(ue) ã ele som sc(ri)ptas F(eria) #vj^a #xxij dias de ((L006)) nou(em)bro Era mill #CCC^a #xlvj anos P(er)o ean(e)s de porches dyse & recontou (co)mo ((L007)) A[s] rrendas de Carnydj for(om) aremdadas a Salomõ negro M(artim) [vicente] (joham) (martinz) ((L008)) Garcya p(er)iz & Orraca (martinz) [cuio procurador] era o dito P(er)o ean(e)s por mill & #vc l(i)br(a)s ((L009)) q(ue) dele sacarõ & estas for(om) devidas & p(or) estes d(inheiro)s deytar(om) a ssobr(e) (dit)a q(ui)ntaa ((L010)) ao dito judeu por #vj anos & d(a)q(ue)les #vj anos ficou q(ui)te a (dit)a q(ui)ntaa & seendo ((L011)) a (dit)a q(ui)ntaa líüre veo Orraca (martinz) deytar a ssa p(ar)te da q(ui)ntaa ao (dit)o ((L012)) judeu por dous anos & essa Orraca (martinz) ouue os d(inheiro)s de us do(us) anos ((L013)) It(em) o dito P(er)o ean(e)s p(ro)curador sobr(e) (dit)o arrendou o q(ui)nhõ de M(artim) (martinz) p(er) duas ((L014)) vezes & depois disto mãdou ElRey [vêder] a M(artim) (martinz) o q(ue) auya q(ue) ((L015)) achaua sobr'ele de mal feytoria de q(ui)nh(en)tas l(i)br(a)s & o (dit)o P(ero) [eanes] foy a Orraca ((L016)) (martinz) jma do (dit)o M(artim) (martinz) & cõtoulh[i] como metyam A q(ui)ntaa d(e) seu irmhao ã ((L017)) almoeda & ela disse ao (dit)o P(ero) ean(e)s q(ue) deytasse a ssa p(ar)te [&] de seu irmhao polas ((L018)) (dit)as quinh(en)tas l(i)br(a)s & p(er)o disse q(ue) daquelas quinh(en)tas l(i)br(a)s p(or) q(ue) assy Remdara ((L019)) que nõ rec[e]bera delas p(er)o #iijc l(i)br(a)s [&] dizẽ q(ue) o (dit)o judeu [diz que esta Renda] ((L020)) das quinh(en)tas l(i)br(a)s q(ue) foy por #xvj anos E isto nõ podya séer & [pareseo] ((L021)) o strom(en)to do judeu & as No-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tas dos tab(e)lliõs & achar(om) q(ue) [he] muy gram mētyra ((L022)) & bulha E este he o acordo que o (dit)o P(ero) ean(e)s deu an(te) mj ((L023)) Tab(e)lliõ sobr(e) (dit)o E era muy mal doemte E este acor-do deu el pola boa dona ((L024)) nõ perder o seu nõ o judeu & por q(ue) eu era tam doemte q(ue) nõ sabya ((L025)) de mha morte nõ de mha vida [dey] este acordo q(ue) ouuese cada huõ o seu ((L026)) d(er)eyto & eu tab(e)lliõ sobr(e) (dit)o este strom(ento) ã papel sc(ri)uy q(ue) nõ auya porgamyõ ((L027)) d(e) coyro & meu synal ã ele pugj q(ue) tal he t(estemunha)s q(ue) p(re)sent(e)s for(om) D(omingos) nuniz ((L028)) [aluazil] [...] [piriz de faarõ] (joham) ste(vam) durã f(er)nãdiz (joham) payz [Steuã dominguez] ((L029)) [daliazur Gil Fernandiz homẽ da] (dit)a Orraca (martinz) ((P PEs)) ((T Lxa)) ((N Pero Paez)) [o qual testemoio perleudo Gil] ((L030)) f(er)nandiz rogou mj tab(e)lliõ q(ue) lhi [dese] o traslado do (dit)o [stromento] ã fforma ((L031)) publica Pola (dit)a Orraca (martinz) E eu tablliõ dey lho sc(ri)pto (com) mha mão ((L032)) i (com) este meu synal q(ue) tal he ffeyto o strom(ento) en lixboa #xij dias d(e) ((L033)) Janeyro E(ra) mill #CCC^a #xlvij ano(s) t(estemunha)s M(artim) qeixada (Joham) an(e)s caualeyro ((L034)) v(icen)te [migueez aluazijs] D(omingos) (martinz) L(ourenço) (martinz) V(icen)t(e) mateus M(artim) (martinz) & outros

3.4. Documento TOX020, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIV, 1319, Estremadura, Lisboa, Notário: Joham Peres

((ANTT Gavetas, 031105)) ((1319-9-30)) ((L001)) En nome de deus amẽ Sabham quãtos este strumẽto vyrẽ q(ue) na Era de mil trez[ẽtos] ((L002)) cinq(r)oeenta & sete Anos p(re)stumeyro sia de Setembro na aldeya d'alconena d'a[par] ((L003)) d'algez En p(re)sença de mj Joham per(e)z publico tabaliom da Cidade de [Lisboa & das tes]temonhas ((L004)) q(ue) adeãte som sc(r)itas Gonçalo do(ming)jz sacador das devydas [de nosso Senhor el] ((L005)) Rey & Vicẽte per(e)z bolhom Dezimeyro de d(i)to senhor el [Rey amostrarom] ((L006)) & léér fizeram p(er) mj d(i)to tabaliõ hua c(ar)ta aberta do d(i)to [Senhor ElRey scrita en per]lgamynho ((L007)) de coyro & séelada do séelo uerdadeyro [Pendente ou de chumbo do Senhorr Rey] ((L008)) Da qual carta o teor de u(er)uo a ueruo tal e ((insere-se outra carta)) ((L009)) A qual [carta mostrada] ((L010)) leuda & publicada os d(i)t(os) Gonçalo do(ming)jz & Vicẽte [Perez p(er) poder & p(er) autori]dade ((L011)) da d(i)ta carta q(ue)rendo a cõp(ri)r & faz(er)

mãdado do d(i)to [Senhor ElRey fo]rom ((L012)) começar a ffaz(er) a entrega do d(i)to Regaêgo d'alq[es ao d(i)to Almirante] pela ((L013)) foz da agua de ninhã & des y pelo vêha [da d(i)ta agua pela [Ribe]yra ((L014)) acima ata q(ue) chegarõ ao logo p(er) u o d(i)to Regaego [Partia com o Condado] ((L015)) de breg(ue)rena; cõ todos moynhos & acenhas q(ue) [estavam na d(i)ta Ribeira] ((L016)) des a madre da d(i)ta agua aaq(ui)n cõtra o d(i)to condado [ata hu estam] ((L017)) os casaes q(ue) soyam á andar cõ este sobre d(i)to [Regaêgo de Alges, os quais] ((L018)) casaes o d(i)to senhor ElRey deu ao [Mosteiro de Odivelas e assi] ((L019)) como uẽ partir o d(i)to Regaêgo pela Agua [de Alcantaraa e des i a fundo ataa] ((L020)) o mar Todo este Regaêgo sobre d(i)to Dalgez os d(i)tos Gonçalo [Dominguez e] ((L021)) Vicête p(er)ez p(er) poder da d(i)ta carta entregaram p(er) terra e p(er) pedras com todas ((L022)) sas p(ar)teêças & seus derytos & cõ todos derytos [q(ue) y o d(i)to Senhor el R]ey ((L023)) auya & de deryto deuya á áuer ao d(i)to Almyrante pelas d(i)tas deuysoes ((L024)) en tal guysa q(ue) o d(i)to almyrante ouuesse cõp(ri)damête o d(i)to [Regaengo] ((L025)) cõ todos seus fruytos & derytos tanbẽ & [Nom compridamente como o d(i)to] ((L026)) Senhor ElRey melhor ouuera ata este sobre [d(i)to dia me]lhor ((L027)) trouxera & husara a trager o d(i)to Regaêgo [e de suas] ((L028)) os d(i)tos Gonçalo do(ming)jz e Vicête pe(r)jz mãdarõ [a mj tabaliõ fazer este] ((L029)) strumêto ao d(i)to Almyrante assy como [o d(i)to Senhor Rey mandava] ((L030)) ena d(i)ta sua carta t(estemunha)s q(ue) a ysto p(re)sentes forom [Domingos Anes Contador] ((L031)) del Rey Bertolameu (martinz) canbhador D(oming)o(s) do(ming)jz Alcayde do [mar Lourenço] ((L032)) steuêz tabaliõ de Lixbõa Martín do(ming)jz d(i)to macayo johã uicête [da Gui]aría ((L033)) Mig(ue)l do(ming)jz sc(ri)uan L(ourenço) (martinz) & L(ourenço) per(e)z hom(e)s delRey & outros E [eu] ((L034)) Joham per(e)z publico tabaliõ de Lixbõa a estas cousas p(re)sente [fui per Man]dado ((L035)) dos d(i)t(os) Gonçalo do(ming)jz & vicête per(e)z a rrogo do d(i)to almy[rante este] ((L036)) strumêto cõ mha mão sc(re)uj & ã ele meu signal [puge que tal e] ((N Lourenco Stevaez)) ((L037)) E eu Lourêce steuãez pob(ri)co Tabeliõ da Cidade de Lixbõa cõ us sob(re) d(i)tos [Gonçalo Dominguez & Vicente perez e com] ((L038)) Johã p(er)ez Tabeliõ & cõnas t(estemunha)s de sussu ditas a todas estas cousas de suso ditas p(re)sente fuy [e per mi e os sobreditos] ((L039)) G(onçal)o d(omingu)jz & Vicête p(er)ez a rogo do d(i)to almirãte aq(ui) soesc(re)uj & meu sinal hy puggy q(ue) tal [e]

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3.5. Documento Notarial DN160, Séc. XV, 1425, Minho, Penela

((Mosteiro de Vilarinho, Maço 5, 32)) ((Assunto: Quitação da obrigação de pagamento, por parte de Uasco Martjz prior de Sã Saluador de Mirâda, de quinze coroas de ouro que lhe haviam sido emprestadas por Gyl Uasquez prior de Bellas. Feito na vila de Penela por Pedro Affomso, tabelião do infante dom Pedro na dita vila)) ((L001)) Sai-
bham q(ua)ntos este sto(r)mêto de q(ui)taçam virem como ujnt(e)
djas do mes dagosto ((L002)) âno do naçimêto de noso senho(r)
Jh(es)u cr(ist)o de mjl (e) q(ua)troçêtos (e) ujnt(e) (e) ((L003))
çjnq(uo) ânos em pen(e)lla ant(e) as casas da morada de affom(so)
an(e)s o moço em p(re)sença ((L004)) de my pedro affom(so)
t(abalia)m po(r) noso senho(r) o Iffant(e) dom pedro na d(i)ta
((L005)) ujlla (e) das t(estemunha)s q(ue) adjant(e) sam esc(ri)ptas
estando no p(re)sent(e) gyl uasq(ue)z p(ri)or ((L006)) de bellas
m(orador) na d(i)ta ujlla E out(ro)sy u(asco) m(art)jz p(ri)or de scã
saluador de mirâda ((L007)) E logo o d(i)cto gyl uasq(ue)z dise
q(ue) u(er)dade Era q(ue) el emp(re)starra sob(re) hũu st(ormento)
((L008)) de ob(ri)gaçam q(ue) tynha ao d(i)to u(asco) m(art)jz
q(ui)nze corroas dourro as qu(a)es lhe Ja o d(i)to ((L009)) u(asco)
m(art)jz tynha pagadas p(er) ourro (e) dj(nhei)rr(o)s (e) p(er) oyto-
çentos R(eae)s brâcos q(ue) lhe auja de ((L010)) da(r) ff(er)nada af-
fom(so) m(orador) no d(i)to logo de mirâda cõ q(ue) elle ffjcarra das
quaes q(ui)nze ((L011)) corroas dourro el daua po(r) q(ui)te (e)
lju(re) deste dja p(er)a todo senp(re) o d(i)to u(asco) m(art)jz (e)
((L012)) todos seus E(r)deiros (e) soçesores q(ue) despos elle ueerem
q(ue) nũca lhe seiam demãdadas ((L013)) em Juizo nẽ ffora de Jujzo
nẽ os Jujzes nõ posam toma(r) conheçimêto de ((L014)) tal ff(ei)to E
posto q(ue) o d(i)to st(ormento) de ob(ri)gaçam pareça q(ue) nõ ualha
(e) este ualha ((L015)) p(er)a se[n]p(re) em testemunho de u(er)dade
o d(i)to gyl uasq(ue)z mādou s(er) ff(ei)to este sto(r)me(nte)
((L016)) de q(ui)taçam (e) da(r)/?/ ao d(i)to u(asco) m(art)jz q(ue)
ffoy ff(ei)to na d(i)ta ujlla de pen(e)lla dja (e) mes (e) ((L017)) Era
sob(re)d(i)ta t(estemunha)s djego affom(so) p(ri)or de podêtes (e) gyl
g(onça)ll(ve)z morador(es) na d(i)ta ujlla ((L018)) E ff(er)nãda af-
fom(so) m(orador) ã mirâda E out(ro)s (e) eu sob(re)d(i)to t(abalia)m
q(ue) este sto(r)mêto de q(ui)taçam ((L019)) esc(ri)puy em q(ue) meu
sygnall ffyz q(ue) tall% h(e)%

3.6. Documento Notarial DN174, Séc. XV, 1499, Minho

((Mosteiro de Vilarinho, Maço 6, 21)) ((Assunto: Emprazamento de umas casas situadas na rua de Sam Payo, Vila de Guimarães, pelo prior e pelo convento do mosteiro de Vilarinho, a Pero Lopez, cônego da mesma vila de Guimarães. O emprazamento é decretado por carta, dada em Braga, por Sebastiam Lopez, doutor em decretos, tesoureiro e cônego de Braga, arcediogo de Lamego, provisor e vigário geral pelo arcebispo de Braga, Dom Jorge da Costa. Feito por Martim de Guimarães e assinado pelo dito Sebastiam Lopez)) ((L001)) Sebastiam lopez doutor em deg(re)dos th(esoureiro) (e) coonego de braaga Arcediaago de lamego p(ro)ujsor (e) vigairo geeral pollo R(everendissimo) Im cr(ist)o padre S(e)nn(h)or dom george da ((L002)) costa p(er) m(er)cee de d(eu)s E da ssanta eg(re)ia de roma arceb(is)po (e) S(e)nn(h)or de braaga (e) p(ri)mas das espanhas; a quant(os) esta carta de prazo virem ffaco saber ((L003)) q(ue) o p(ri)or (e) Conuento do most(eiro) de vilarjnho Me emviarom dizer q(ue) sentindo por p(ro)ueito seu (e) do dito mosteiro q(ue)riam enprazar como de f(e)cto enprazarom hũas çasas ((L004)) sijtuadas na villa de gujm(a)r(ãe)s na Rua de sam payo a pero lopez conego da dita villa E a duas pessoas depos elle s(cilicet) elle nomee a segunda (e) a s(egunda) nomee a terceira ((L005)) q(ue) nom seJa de moor Condicom q(ue) elle os quaes aJam a dita çasa com todas suas p(er)teencas Entradas saydas assy como ao dito most(eiro) p(er)tece (e) mjlor se o auer poderem ((L006)) E ffacam (e) Refacã em ella (e) em todas suas p(er)teencas q(ua)nta bemfeitorja fazer poderem de gujssa q(ue) melhore (e) nom peyore E dem (e) paguem de Renda foro (e) pensom ((L007)) em cada hũu anno ao dito most(eiro) quatorcent(os) rr(eae)s E t(ri)nta (e) seis rr(eae)s (e) seis p(re)t(os) a confraria do s(er)ujco de santa maria E assy som q(ua)trocent(os) (e) t(ri)nta (e) seis rr(eae)s ((L008)) E seis pret(os) Com a qual Renda foro (e) pensom senp(re) s(er)am bem obedientes (e) Mandados ao dito most(eiro) os quaes posam penhorar (e) Mandar penhorar po(r) todos ((L009)) seus d(e)rr(ei)t(os) (e) Rendas q(ue) lh(es) por d(e)rr(eito) deuam p(er)teeçcer em q(u)aesquer bẽes dos dit(os) enprazadores honde quer q(ue) achad(os) fforem os quaes nam terã poder de tolh(er) o dito ((L010)) penhor E tolhendo q(ue) p(er)cam seu prazo nem posã dar doar alhear vender escanbar nem cousa alguma deste prazo fazer sem autoridade (e) Consentim(ento) do dito ((L011)) most(eiro) nem chamarã outro nemhũu Snorjo/sic/ nem p(er) elle pagaram feu nem foro a nemhua out(ra) pesoa E durante ho tenpo das ditas tres vidas ha ((L012)) nom posam leixar nem ãgeitar nem o dito most(eiro) a elles tolher antes lha farom de paz de qualquer pessoa q(ue) lha embargar q(ui)s(er) E rrec(re)cendosse algũa ((L013)) de-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Manda ou contenda ssobr(e) este enprazam(ento) q(ue) as ditas partes seJam citadas (e) deMandadas E Respondam p(er)ante os vigáir(os) geeraes da eg(re)ia de braaga ((L014)) E p(er) hy se começar o f(e)cto fijnr E acabar E nom p(er)ante out(ro) algũu Juíz nem Justíca E q(ue)rendo algua das ditas partes hir cont(ra) este enprazam(ento) p(er)a o britar em ((L015)) parte ou em todo nom possa nem seJa a ello Reçebido em Juízo nem fora delle (e) pague aa parte tente (e) g(uar)dante por pena (e) em Nome della Cinq(uo) mjl rr(eae)s ((L016)) brancos a q(ua)l pena leuada ou nom este prazo valha como em elle faz mencom E findas as ditas tres vidas ou nom seendo a der-rad(eira) pessoa nomeada ((L017)) Como dito he este prazo fiq(ue) liure (e) desenbarguado ao dito mosteiro CuJo he Sem Mais deManda nem Contenda o q(ue) assy as ditas partes outorgarom ((L018)) E Me pidirom q(ue) o confirmasse E visto p(er) mjm seu dizer (e) pedir porq(ua)nto ffuj certo p(er) g(onçalo) vaaz coonego da eg(re)ia de braaga q(ue) nello dey po(r) veedores com ((L019)) [a]lu(a)ro afonso barbeiro E bertolameu afonso barbeiro homens aJuramentad(os) aos sant(os) (e)vangelhos q(ue) o dito prazo he f(e)cto en p(ro)ueito do dito most(eiro) ((L020)) ho Confirmo (e) Mando que sse compra como em elle faz mencom; dat(e) em braaga noue d(ias) dabril Martim de gujm(a)r(ãe)s a fez escrepuer (e) aquj soesc(re)puj anno de ((L021)) Mjl #iii jc IR noue Ann(os)% ((L022)) {{THesaur(arius) ((L023)) Dec(re)tor(um) doc(tor)}}%

3.7. Documento Notarial DN190, Séc. XV, 1466, Estremadura, Chelas

((Mosteiro de Chelas, Maço 43, 843 (rosto))) ((Assunto: Emprazamento de uma vinha com um pardieiro, em Carnide, termo de Lisboa, e de um olival, no vale de Enxobregas, feito por Lianor de Castel Branco, prioresa, Ana Martjz Aluernaz, soprioresa, e donas e convento do mosteiro de Chelas, a Joham Aluarez, procurador do mesmo mosteiro, e sua mulher, Maria Gonçalluez. Estes pagarão anualmente seiscentos e quarenta reais brancos e quatro galinhas. Feito no mosteiro de Chelas por Pero Gonçallvez, vassalo de El Rei e seu tabelião público na cidade de Lisboa e seu termo)) ((L001)) Em nome de d(eu)s amem Saibham os q(ue) este est(r)om(ento) denp(ra)zamento virem q(ue) no ãno do nacimêto de nosso ((L002)) ssenhor Jh(es)u c(risto) de mjll (e) #iiijc E ssassenta E sseis ãnos dezoito d(ias) do mes doutubro no m(osteiro) de chellas t(er)mo da ((L003)) cidade de lixboa Estando hy a onrrada ssemhora dona lianor de castell branco p(ri)oresa do d(i)cto m(osteiro) E ana m(art)jz ((L004)) alu(er)naz

ssop(ri)oressa E Ines gomez (e) m(aria) aluarez E Ines g(onça)ll(ve)z
E aldonça Ro(drigu)iz E Ines a(fonso) E clara mena E Issabell
ff(e)rr(nande)z ((L005)) E Ines g(onça)ll(ve)z de castell branco E
c(atarina) affom(so) E out(ra)s donas (e) (con)uento do d(i)cto
m(osteiro) Estando todas Em cabido (e) cabido ((L006)) ffazendo
p(er) ssoo de canpaa tangida ssegundo sseu bõo costume as sso-
bred(i)ctas disserã q(ue) veendo ellas ((L007)) E (con)ssirando
s(er)ujço de d(eu)s E p(r)oll E onrra do d(i)cto sseu m(osteiro) Em-
prazarom (e) deram denprazamêto Em t(re)s pessoas ((L008)) a Jo-
ham aluarez p(ro)curador do d(i)cto m(osteiro) E a ssua molher
m(aria) g(onça)ll(ve)z moradores na dicta cidade e a hũa p(e)ssoa
q(ua)ll o derradeyro ((L009)) delles nomear ao t(em)po de ssua morte
Em tall gujssa q(ue) sseJam t(re)s pessoas E mais nõ êprazarom lh(e)
hũa vinha ((L010)) (com) hũu p(ar)dieiro q(ue) o d(i)cto m(osteiro)
tem Junto (com) carnjde termo da d(i)cta cidade q(ue) p(ar)te (com)
out(ra) vinha do d(i)cto m(osteiro) E da outra p(ar)te ((L011)) (com)
out(ra) vinha do moorgaado de mêç de britto (e) Emtesta ã camjnho E
s(er)ujdom derctos/sic/ E p(er) out(ra)s cõffrontações E o d(i)cto
((L012)) p(ar)dieiro p(ar)te (com) cassa E lagar do d(i)cto m(osteiro)
E pello camjnho q(ue) vay p(er) a aldea de carnjde E mais lh(e) Em-
prazarom hũu ((L013)) oliuall do d(i)cto m(osteiro) q(ue) he Em vall
denxobregas out(ro)sy t(er)mo da d(i)cta cidade q(ue) parte (com)
herdade q(ue) ffoy de Ruy galuom ((L014)) E (com) oliuall do espit-
tall dos clerigos Ricos E (com) v(inha) de ssam vcente q(ue) traz
costança l(ouren)ço E (com) oliuall ((L015)) de ssam mateus q(ue)
traz affom(so) Eãnes boroeiro E (com) oliuall de Joham affom(so)
carpenteiro m(orador) aa porta da cruz E (com) oliual ((L016)) do
d(i)cto m(osteiro) q(ue) sse chama oliuall da luita Emtesta no
camjnho p(ro)bico q(ue) vay do m(osteiro) p(er) a d(i)cta cidade E
lhe Emp(ra)zarom ((L017)) todo (com) tall p(re)ito (e) cõdiçom q(ue)
o d(i)cto Joham alu(are)z ffaça do d(i)cto p(ar)dieiro cassa de morada
do dia (e) ffeitura deste ((L018)) est(romento) ataa hũu ãno E q(ue) o
d(i)cto Joham alu(are)z E ssua molher (e) pessoa p(er) cada hũu del-
les nomeada cada hũu a sseu ((L019)) t(em)po sseJam tehudos E
obrigados de corregerem E rrepairarem os d(i)ctos bẽes s(cilicet) a
d(i)cta vinha descauar podar ((L020)) cauar m(er)gulhar Empar ar-
render E o oliuall alinpar amotar laurar todo a sseus t(em)pos E ssa-
zoes ((L021)) E a cassa ffazer E rreffazer de paredes E madeira gros-
sa dalgada p(re)gadura telha E de todallas out(ra)s cousas ((L022))
q(ue) lh(e) (com)p(ri)doiras fforem todo aa custa delles p(er)ssuas
posto q(ue) algũa das ssobred(i)ctas coussas pereçam p(er)
q(ua)llq(ue)r ((L023)) casso ffurtuito q(ue) lhe avijr possa Em tall gu-
jssa q(ue) todo ande ssenp(re) melhorado (e) nom peJorado E
((L024)) dem (e) paguem de fforo E penssom da d(i)cta vinha E da
d(i)cta cassa E do d(i)cto oliuall sseicentos E q(ua)renta R(eae)s

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

((L025)) brancos E q(ua)tro galinhas Em cada hũu ãno ssaluo deste p(ri)meiro ãno q(ue) nom pagarom mais de duzêtos ((L026)) R(eae)s E hũu par de galinhas po(r)q(ua)nto hij nõ ha noujdade no d(i)cto oliuall ffazendo lh(e) pagamêto ((L027)) de todo Juntam(ente) Em hũa paga po(r) dia de natall E ffarom a p(ri)meira paga dos d(i)ctos duzentos R(eae)s (e) ((L028)) par de galinhas p(er) este p(ri)meiro dia de natall Em q(ue) sse começara Era #iiijc E ssassenta E ssete E assy dy Em ((L029)) diante de todo o d(i)cto fforo E pensom pello d(i)cto dia E ffindas as d(i)ctas t(re)s pessoas da vida deste ((L030)) mundo q(ue) a d(i)cta vinha E cassa E oliuall ffiguem ao d(i)cto m(osteiro) melhoradas (e) nom peJoradas E liures (e) despachadas ((L031)) de toda briga E (com) todas ssuas bemffeiitorias E q(ue) o d(i)cto Joham aluarez E ssua molher (e) pesoa ((L032)) nõ possam vender nem trocar nem escanbar nem p(ro)mudar nem alhear a d(i)cta vinha nõ a d(i)cta cassa nõ ((L033)) o d(i)cto oliuall a nemhũa p(er)ssoa ssem o p(ri)meiram(ente) ffizerem ssaber aas donas E (con)uento do d(i)cto moesteiro ((L034)) sse as q(ue)rem tanto por tanto q(ue) as aJam E nom as q(ue)rendo Emtom as possam vender a tall pessoa q(ue) nom ((L035)) sseJa das deffessas Em d(e)rr(ei)to mais sseJa tall q(ue) (com)pra (e) mantenha todallas classullas E (con)dições deste ((L036)) (con)trauto pagando lh(e) ssua q(ua)rentena Segundo d(e)rr(ei)to E as d(i)ctas donas E (con)vento obrigarom os bês ((L037)) E Rendas do d(i)cto sseu m(osteiro) de lhe liurarempararem E ffazerem de paz a d(i)cta vinha E cassa E oliuall ((L038)) de q(ua)llq(ue)r pessoa q(ue) lhas embargar sob pena de lhe pagarem todas p(er)das E dapnos E custas (e) despessas ((L039)) q(ue) o d(i)cto Joham aluarez E ssua molher E pessoa po(r) ello ffezerem E Receberem E (com) vijnte R(eae)s brancos ((L040)) Em cada hũu dia de pena E o d(i)cto Joham aluarez q(ue) p(re)ssente estaua tomou (e) Reçeebo Em ssy ã as d(i)ctas ((L041)) t(re)s vidas a d(i)cta vinha (e) pardieiro E oliuall (com) todallas classullas E (con)dições ssusso declaradas ((L042)) E sse obrigou de todo (com)p(ri)rem E manterem E darem //E// //darem// (e) pagarem o d(i)cto fforo E penssom em cada ((L043)) hũu ãno pello d(i)cto dia come d(i)cto h(e) ssob pena de lhe pagarem todas p(er)das (e) dapnos E cusas/sic/ (e) ((L044)) despessas q(ue) o d(i)cto m(osteiro) E sseu (con)uento por ello ffezerem E rreceberem E (com) os d(i)ctos vijnte R(eae)s Em cada ((L045)) hũu dia de pena p(er) todos sseus bês E da d(i)cta ssua molher E da pessoa q(ue) depos elles vier ((L046)) p(er) nomeaçom moues E de Raiz avudos (e) por auer q(ue) p(er)a ello obrigou E as p(ar)tes p(re)ssentes ((L047)) assy o out(or)garom E pidiram ssenhos est(romento)s t(estemunha)s mẽç g(onça)ll(ve)z caualeiro da cassa do ssenhor Iffant(e) ((L048)) dom ffernando E Joham est(ev)ez E sseu ffilho p(ere) ãnes moradores no c(on)ç(elh)o do d(i)cto m(osteiro) E out(ro)s ((L049)) E eu p(er)o g(onça)ll(ve)z vas-

sallo del Rey nosso Senhor E sseu p(ro)bico tabaliam na d(i)cta cidade ((L050)) E sseu t(er)mo q(ue) Este est(romento) Esc(ri)puy p(er)a o d(i)cto Joham alu(are)z Em elle meu p(ro)bico ssinall ((L051)) ffiz q(ue) tall h(e)%

A referência das fontes e as anotações do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM) encontram-se em www.cipm.fcsh.unl.pt.

4. Breve síntese dos conteúdos do minicurso

Sendo o período arcaico muito longo, começo, no âmbito do português antigo, por tratar a chamada fase galego-portuguesa⁶. Trata-se de um subperíodo que vai de cerca de 1214 até finais do séc. XIV/inícios do séc. XV.

No que respeita ao sistema linguístico, propriamente dito, do ponto de vista fonológico, é necessário sistematizar: (i) o sistema de fonemas vocálicos, em posição tónica, continua a ser idêntico aos sete do latim imperial; (ii) em posição átona final, reduzem-se a três – /e/ (alternando com /i/), /a/ e /o/; (iii) em posição átona não final, sobretudo pretónica, temos cinco fonemas, sendo as vogais orais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ nasalizadas por uma consoante nasal implosiva (*pinto*, *sente*, *campo*, *longo*, *mundo*); (iv) a metafonia por /u/ e /a/ finais também se faz sentir, desde os inícios da Idade Média; (v) o sistema dos fonemas consonânticos inclui, além dos atuais, ainda algumas africadas (como /ts/, /dz/, entre outras) e as sibilantes /s/ e /z/, provenientes do <S> latino e da sua sonorização, respetivamente, pronunciam-se como [ś] e [ź], ou seja, com uma articulação ápico-alveolar, semelhante à do <s> castelhano.

Ao nível da morfossintaxe, destacarei alguns pontos considerados fundamentais.

1. O género gramatical difere tanto do latim como do português moderno. No que concerne à formação do plural, a queda dos

⁶ Tomando a esclarecedora afirmação de Clarinda de Azevedo Maia (1986, p. 891): "Desde o início da tradição escrita em galego-português, verifica-se a existência, dentro de um sistema comum, de várias possibilidades, o que, aliás, sempre acontece na fase inicial, primitiva, de constituição de uma língua, antes de consumado o processo de sedimentação que conduzirá à formação de uma norma linguística. Os textos de Portugal e da Galiza não só espelham essa riqueza de possibilidades, muitas delas comuns às duas zonas, como, ao mesmo tempo, revelam, desde o século XIII – mas mais intensamente a partir do século XV –, a existência de traços distintos que anunciam algumas das diferenças mais expressivas entre o galego e o português".

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

etimológicos <-L-> e do <-N-> intervocálicos teve consequências nos paradigmas nominais. Assim, nos nomes terminados em <-l>, esta terminação cai, no plural (*sinal*, *sina-es*; *cruel*, *crue-es*). Por sua vez, a queda do <-N-> intervocálico vai afetar o plural dos nomes terminados, em galego-português, em <-ão>, <-an> e <-on>, por exemplo: MANU > *mano* > *mão*; *MANOS > *mãos*; CANE > *can(e)* > *can*; CANES > *cães*; LEONE > *leon(e)* > *leon*; LEONES > *leões* (cf. TEYSSIER, 1993, p. 30). A formação do plural dos nomes terminados em <-ão> constitui um outro exemplo da utilidade que pode ter o estudo da história da língua para o bom domínio do português. Embora o simples conhecimento da etimologia latina não chegue para resolver todos os casos, uma vez que a analogia também exerce um papel nem sempre despreciando, como se pode ver no caso de <corrimão>, cujo plural pode ser etimológico, <corrimãos>, ou analógico, <corrimões> (CUNHA & CINTRA, 1984, p. 183), quem conhecer a história do português usará o idioma com uma segurança muito maior, que se manifesta, de igual modo, na ortografia.

2. Na morfologia verbal, o sistema de modos e tempos é já o do português moderno, contendo um mais-que-perfeito simples (sintético), herdado diretamente do latim, um futuro do conjuntivo, ainda hoje usado e um infinitivo flexionado ou "pessoal". (TEYSSIER, 1993, p. 32)
3. Para a primeira fase da diacronia do português, e no que concerne à posição sintática dos clíticos, nas orações principais afirmativas – sem o verbo em posição inicial e não introduzidas por constituintes proclisadores ou desencadeadores de próclise que são, segundo Martins (2002, p. 262), quantificadores, sintagmas *qu-*, sintagmas focalizados e certos advérbios –, podemos constatar que a adjacência obrigatória (que é para Martins (2002, p. 264) a colocação não facultativa do clítico junto do verbo) e a variação entre ênclise e próclise se dá com maior frequência na ênclise.
4. Nas orações subordinadas finitas e nas orações principais com constituintes proclisadores, a próclise é obrigatória, havendo ainda variação entre interpolação e adjacência ao verbo. (MARTINS, 2002, p. 271)

No âmbito lexical, integram-se no vocabulário muitas palavras árabes (sobretudo dos domínios da agricultura e da construção civil).

Para a definição do português trecentista, parto para a clarificação dos traços apontados por Rosa Virgínia Mattos e Silva Mattos e Silva (1989, p. 59): (i) representação gráfica de vogais idênticas postas em contacto pelo desaparecimento de uma consoante intervocálica, grafias variantes das sequências <-ïo, -ïa>; <-ïho, ïha> e <-inho, -inha>; (ii) grafias variantes dos ditongos <ou/oi>, provenientes, respetivamente, de <au, al> e de <-oct->, <-ocs-> e da interversão do iode; (iii) grafias variantes das finais nasais, provenientes de <-one, -anu, -ane, -udine, -onu, -ant, -unt>; (iv) morfologia dos demonstrativos; (v) morfologia dos possessivos; (vi) representação gráfica do morfema número-pessoal de segunda pessoa do plural <-des/es>; (vii) representação gráfica da vogal temática da segunda conjugação no participípio passado, <-u(do)/-i(do)>.

Após toda esta caracterização, inicio a descrição do português médio⁷, que, cronologicamente, vai do século XV até meados do século XVI. Luís Filipe Lindley Cintra propõe o ano de 1420 como início, devendo, contudo, observar-se o que refere Ivo Castro (1993, p. 106) e Osório (2004), questionando e problematizando a delimitação deste sub-período.

Ao nível linguístico, destaco sob o ponto de vista fonético e fonológico alguns traços fundamentais:

1. A eliminação dos encontros vocálicos.
2. Para a supressão dos hiatos, utilizam-se as seguintes soluções: desenvolvimento da nasal palatal anti-hiática (VINU> *vĩ-o*> *vinho*, GALLINA> *galĩ-a*> *galinha*) e a contração das duas vogais numa vogal única, podendo ser o resultado uma

⁷ Esperança Cardeira (2005, p. 291-292) afirma: "As propostas de periodização que escolhem como fronteira entre o português antigo e o português médio a crise de 1383-85 ou o seu símbolo, a batalha de Aljubarrota, realçam o papel desta ruptura política, social e cultural, no sentido da deriva linguística do português, mas parecem esquecer o facto de que as mudanças inovadoras já ocorriam antes dessa data; mais conforme com os factos que observamos talvez seja admitir a existência de uma "franja de separação" entre o português antigo e o português médio e nessa franja de separação se deve situar a segunda metade do século XIV. (...) Ora, o que a presença de uma transição de fase vem mostrar é que é neste período que se definem selecções e mutações que irão conferir ao português uma determinada personalidade: é a elaboração do português do século XV que permitirá a sua gramaticalização a partir do século seguinte. Assim, o português médio, mais do que "período de transição", pode definir-se como um "período crítico", crucial na história da língua portuguesa".

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vogal nasal, quando uma das duas vogais é nasal: LANA> *lã-a*> *lã*, BONU> *bõ-o*> *bõ*, escrito <bom>, TENES> *tê-es*> *tens*, CALENTE> *ca-ente*> *queente*> *quente*, PALUMBU> *pa-ombo*> *pombo*, FINES> *fĩ-es*> *fins*, TRIGINTA> *tri-inta*> *trinta*.

3. Destas contrações resultam as cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [õ], [ũ], já existentes na língua. No entanto, quando a contração se processa entre duas vogais orais, e embora o resultado seja sempre uma vogal oral, podem resultar daqui fonemas novos.
4. Levando em conta a posição destas vogais relativamente ao acento tônico, convém ressaltar que em *posição tônica* desta contração resultam as sete vogais orais; em *posição postônica*, não houve modificação do sistema, uma vez que os grupos átonos <-oo> e <-aa>, em posição final, se contraem em <-o> e <-a>, respetivamente, confundindo-se com o <-o> e o <-a> etimológicos (ORACULU> *orágo-o*> *orago*).
5. Em *posição pretônica*, as contrações das vogais em hiato vão dar origem a três novos fonemas vocálicos (PRAEDICARE> *pre-egar*> *pregar*, COLORARE> *co-orar*> *corar*).
6. Na *contração de duas vogais orais num ditongo oral*, a pronúncia monossilábica de alguns grupos de vogais em hiato dá origem a ditongos, em que <a-e> se transforma em <ae>, vindo a confundir-se com <ai>.
7. Os ditongos <ó-e>, <é-e> e <é-o> tornam-se, respetivamente, <oe>, <ee> e <eu>.
8. Dá-se a *contração de uma vogal nasal e de uma vogal oral em ditongo nasal*.
9. Nos verbos, os *encontros vocálicos provêm da queda de <-d> nas desinências da segunda pessoa do plural (estades> *esta-es*> *estaes*> *estais*)*.

Sobre as reduções dos encontros vocálicos, que tiveram lugar nos séculos XIV e XV, poderá afirmar-se que o sistema fonológico do português, em 1500, se tinha enriquecido com as referidas reduções dos hiatos, passando a conter oito fonemas vocálicos orais, tanto em posição tônica como pretônica. Em posição final, estes oito fonemas ficavam redu-

zidos a três: /E/, /A/, /O/. Por sua vez, as combinações de ditongos orais aumentaram de oito para onze. As nasais passam a ter os três ditongos que, ainda hoje, caracterizam o português.

Ao nível da morfologia, entre 1350 e 1500, convém que os formandos se apercebam da: (i) unificação em <-ão> dos substantivos que, antes, terminavam, no singular, em <-ã-o>, <-an> e <-on>, que se fundiram; (ii) além de se fixarem os plurais dos nomes terminados em <-ão> (do tipo *mãos*, *leões* e *cães*), fixa-se, também, o feminino dos adjetivos com a mesma terminação (por exemplo, *são*, *sã*); (iii) no plural dos substantivos e adjetivos que, no singular, terminam em <-l>, ocorrem já as formas da língua moderna, embora, por vezes, escondidas sob uma ortografia como *sol*, plural *sóis*, escrito <soes>; *cruel*, plural *cruéis*, grafado <cruees> ou <crueis>; (iv) as formas átonas dos determinativos possessivos femininos *ma*, *ta*, *sa* desaparecem; (v) os anafóricos *em* e *(h)i* deixam, igualmente, de ser usados; (vi) na segunda pessoa do plural dos verbos, o <-d-> intervocálico desaparece já no século XV, dando origem às terminações <-ais>, <-eis> e <-is> - *amais*, escrito por vezes <amaes>, *dizeis*, com a variante gráfica <dizees>, *partis*.

Ao nível sintático e utilizando o critério da colocação dos clíticos para a caracterização do português médio, constata Martins (2002, p. 269):

A opção pela ênclise, largamente dominante durante o século XIII, vai sendo progressivamente substituída pela opção pela próclise, que se torna maioritária no século XV e quase exclusiva no século XVI. Quer isto dizer que a mudança em causa, que é lenta e gradual (...), se esboça já no século XIV, consolidando-se nos séculos XV e XVI. O momento em que se produz a inversão de tendência relativamente à colocação dos clíticos situa-se na primeira metade do século XV, coincidindo assim com a transição de fase entre o português antigo e o português médio (conforme estabeleceu Esperança Cardeira, 1999).

Ainda na sintaxe, sublinho: (i) o uso de <que> por <quem>; (ii) o uso do mais-que-perfeito simples do indicativo pelo imperfeito do conjuntivo, ou pelo condicional, e do gerúndio em casos que, hoje, exigem o infinitivo precedido das preposições <a>, <de> ou <sem>; (iii) a influência do latim no século XV que é visível ao nível do processo de enriquecimento do vocabulário, pela introdução de latinismos (formas eruditas e semieruditas); (iv) a substituição de HABÈRE por TENÈRE e do condicional pelo imperfeito, como atestam Paul Teyssier (1993, p. 68) e Paulo Osório (2004).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Antes de entrar no ponto 3. Do programa (que será a análise linguística de textos), referir-me-ei ao ponto 2. Aqui, torna-se necessário alertar os formandos para o facto de que o investigador de fases pretéritas da língua deve ter presente o que refere Ivo Castro (1991, p. 173):

O estudo dos estados passados de uma língua não pode contar com a experiência e a observação directa do linguista, mas apenas com os dois clássicos métodos conjecturais da *reconstrução* desses estados, baseada na comparação entre as variedades contemporâneas deles geneticamente decorrentes, e da exploração das *fontes escritas* produzidas na época que é objecto de atenção.

Estando qualquer língua natural em perpétuo devir – "the history of language is a continuous process: it is not a series of stills, but a moving picture" (MILROY, 1992, p. 2) –, o polimorfismo linguístico e a instabilidade gráfica caracterizadores do período medieval reclamam a cada vez maior necessidade de boas edições da documentação remanescente. Assim, os formandos terão de ficar totalmente esclarecidos de que, uma vez que não dispomos neste período de registos orais, só os textos escritos remanescentes nos poderão levar à reconstrução de uma língua histórica⁸. Por tal facto, a linguística histórica que, depois de ter sido relegada para segundo plano na tradição linguística, volta a acolher, nos tempos hodiernos, o estímulo e a reflexão de muitos que a ela se vêm dedicando, necessita de metodologias específicas. A este propósito, afirma Clarinda de Azevedo Maia (1995, p. 3):

Nesta viragem de século, quando a linguística histórica volta a ocupar uma posição de primeiro plano, depois de várias décadas de predomínio da linguística sincrónica, ela tem vindo progressivamente a integrar novos conceitos teóricos, nomeadamente os que são peculiares de duas disciplinas linguísticas relativamente recentes, a sociolinguística e a pragmática.

Todo o historiador da língua deverá ter em atenção os tipos de textos existentes, bem como a sua utilidade para o estudo que pretenda desenvolver. Para um estudo linguístico, os textos literários deverão ser

⁸ Neste sentido, Rosa Virgínia Mattos e Silva Mattos e Silva (1991: 28-29) afirma que: "A documentação escrita em português arcaico só pode ser avaliada na sua totalidade aproximada por hipóteses que se coloquem a partir do que permaneceu e de informações indiretas que o historiador pesquise. (...) O investigador dessa fase da história da língua não constituirá seu *corpus*, de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. A partir desse condicionamento inicial é que recortará os dados que julgue necessários e suficientes para responder a suas questões. Daí Labov ter definido muito adequadamente os estudos diacrónicos ao longo dos séculos – em oposição aos estudos de mudanças linguísticas em curso (...)"

preteridos em favor de textos não literários. Corroborar esta opinião Ivo Castro (1991, p. 174), afirmando que os textos não literários são:

(...) a fonte preferida dos linguistas. Como foram escritos para servir alguma finalidade prática relacionada com a administração, o direito ou a economia (...), estes textos são geralmente explícitos quanto ao local e à data em que foram escritos, bem como quanto aos participantes, a diversos níveis, na sua produção; identificam os autores morais, que desejaram a produção, os autores materiais, que a executaram, e também os confirmantes e testemunhas, que assistiram e que fornecem uma espécie de contexto histórico e social para o nascimento do documento.

Estes últimos, pelo fato de se apresentarem datados e localizados, oferecem ao linguista uma maior segurança, permitindo, consequentemente, um maior rigor na adução de dados. No entanto, se os textos não literários oferecem grandes possibilidades de estudo na tentativa de reconstituição de fases linguísticas passadas, em virtude do seu carácter formal (fórmulas iniciais e finais) poderão condicionar determinada recolha de dados.

Os textos literários apresentam uma notória riqueza e particular desenvoltura em estudos sintáticos, embora muitos desses documentos constituam cópias de cópias e, por isso, encerram uma tradição manuscrita complexa (uma cópia implica, pelo menos, duas origens textuais).

Dos vários tipos de textos não literários, destaco a documentação notarial (privada, régia e jurídica): os textos não literários de carácter privado apresentam um interesse acrescido em relação aos textos emanados da chancelaria real, uma vez que os textos de carácter privado indicam o notário que os redigiu ou o escriba que os fixou por escrito. Conhecemos, assim, os autores materiais e morais do texto. O linguista trabalha, deste modo, com maior segurança.

Quanto aos textos literários, a prosa torna-se muitíssimo importante. Os textos literários apresentam uma tradição manuscrita complexa. Realço, no minicurso, a subdivisão genérica dos documentos literários: textos poéticos e textos em prosa. Os textos em prosa são ricos no que respeita ao conhecimento das estruturas sintáticas da língua, embora coloquem dificuldades no conhecimento da variação regional da mesma neste período. Os textos poéticos não permitem captar a variação regional da língua, mas sobretudo os textos em rima, são muito esclarecedores para o estudo fonológico do português medieval, embora não para um estudo sintático. Além das formas em rima, a poesia oferece outros dados importantes devido a razões de ordem métrica (estudo do hiato, por

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

exemplo). A linguagem dos cancioneiros, poética, é uma linguagem estilizada e, particularmente, os cancioneiros oferecem limitações para o conhecimento da língua falada da época e sobretudo para o conhecimento das diferenças regionais que a língua oferecia. Quem se ocupa dos cancioneiros dá-se conta de que estamos em presença de uma tradição manuscrita pobre. Grande parte da literatura medieval hispânica ressentia-se desse facto e, por exemplo, do *Cantar de Mio Cid* só temos um manuscrito incompleto. Em relação às *Cantigas de Santa Maria*, a tradição não é assim tão pobre, pois temos quatro códices. A partir do *stemma codicum* estabelecido por Tavani, podemos tirar algumas ilações: (i) o *Cancioneiro da Ajuda* foi copiado diretamente do arquétipo (é uma recolha feita num período próximo da época em que as composições foram escritas), o que não acontece com os dois outros cancioneiros copiados em Itália; (ii) há já a intervenção de vários copistas, cujas coordenadas de inserção no tempo e no espaço não conhecemos; (iii) sob o ponto de vista gráfico, houve muitas alterações, pelo que estes dois cancioneiros não permitem o estudo da tradição gráfica galego-portuguesa medieval.

Têm sido elaborados diversos trabalhos com vista ao estabelecimento de uma tipologia dos textos disponíveis, nomeadamente por Valle Cintra (1960), Luís Filipe Lindley Cintra (1963, p. 59-77), Ivo Castro (1991, p. 173-192) e Isabel Vilares. Cepeda (1995).

Importa, assim, explicar aos formandos cada tipo de texto apontado anteriormente, fornecendo-lhes exemplos desses documentos. Para tal objetivo, sigo o que é referido em Ivo Castro (2006, p. 85-94).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Luíza. A estrutura textual de documentos notariais da Idade Média. In: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia; BARROS, Clara. (Orgs.). *Linguística histórica e história da língua portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 9-27.

BARBOSA, Jorge Morais. Os estudos de linguística portuguesa em Portugal. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. (Org.). *Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofónico*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002, p. 145-158.

BECHARA, Evanildo. As fases da língua portuguesa escrita. In: *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, p. 68-76.

BERRUTO, Gaetano. *La sociolinguística*. Bologna: Zanichelli, 1978.

BROCARD, Maria Teresa Leitão. ‘Haver’ e ‘ter’ em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane*, n. 70, p. 95-122, 2006.

_____. *História da língua portuguesa*. Programa, conteúdos e métodos. Lisboa: F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 2000.

_____. Sobre o português médio. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. (Eds.). *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 1999, p. 107-125.

BYNON, Theodora. *Linguística histórica*. Madrid: Gredos, 1981.

_____. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CARVALHO, Maria José. *Do português arcaico ao português moderno*. Contributos para uma nova proposta de periodização. Coimbra: Faculdade de Letras, 1996.

_____. Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas. *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, Coimbra: Faculdade de Letras, 1998.

CASTRO, Ivo. A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro. In: *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de novembro de 1992). (Biblos, Revista da Faculdade de Letras, vol. LXIX, 1993, p. 97-106).

_____. *Introdução à história do português*. 2. ed. rev. e ampl. Lisboa: Colibri, 2006.

_____. O português médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). In: FARIA, Isabel Hub. (Org.). *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mestre e ao cidadão. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999, p. 367-370.

_____. *Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da post-vulgata*. *Boletim de Filologia*, 28, (=Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa, vol. I), 1983, 81-98.

_____.; MARQUILHAS, Rita; ACOSTA, José Léon. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CEPEDA, Isabel Vilares. *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. Les anciens textes non littéraires. Classement et bibliographie. In: *Les Anciens Textes Romains non Littéraires. Leur Apport à la Connaissance de la Langue au Moyen Âge*. Colloque international organisé par le Centre de Philologie et de Littératures Romaines de L'Université de Strasbourg du 30 Janvier au 4 Février 1961. Extrait de la *Revue de Linguistique Romane*, tome XXVII, 1963, pp. 59-77.

CINTRA, Maria Adelaide Valle. *Bibliografia de textos medievais portugueses*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1960.

COSERIU, Eugenio. El latín vulgar y el tipo lingüístico romance. In: _____. *El cambio lingüístico en la Romania*. Lleida: Virgili & Pagès, 1990, p. 27-41.

_____. *Sincronía, diacronía e historia*. El problema del cambio lingüístico. 3. ed. Madrid: Gredos, 1988.

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da. Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-lingüístico. In: _____. *Estudos de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-lingüísticos*. Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1979, p. 169-256.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

Dicionário da língua portuguesa. Porto: Porto Editora, 1998.

DUARTE, Luís Fagundes. Uma scripta em construção (A constituição de uma norma escrita do galego-português no século XIII). In: *Actas do I congresso da língua galego-portuguesa na Galiza*. A Coruña: AGAL, 1986, p. 663-674.

EMILIANO, António. A edição e interpretação da documentação antiga de Portugal: problemas e perspectivas da filologia portuguesa face ao estudo das origens da escrita em português. *Aemilianense. Revista Internacional Sobre la Génesis y los Orígenes Históricos de las Lenguas Romanes*, n. 1, p. 33-63, 2004.

_____. Sobre a questão d'os mais antigos textos escritos em português". In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. (Eds.). *Razões e emoção: Miscelânea oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003, p. 261-278.

Enciclopedia Lingüística Hispánica. Dirigida por Manuel Alvar, Antonio María Badía Margarit, Rafael de Balbin, Luís Filipe Lindley Cintra. Introd. de Ramón Menéndez Pidal. Tomo I: *Antecedentes. Onomástica*. Tomo II: *Elementos constitutivos y fuentes*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, 1967.

ENCREVÉ, Pierre. Labov, linguistique, sociolinguistique. In: LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Minuit, 1976.

FERREIRA, José de Azevedo. *Estudos de história da língua portuguesa*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2001.

FRANCO GRANDE, Xose Luís. *Diccionario galego-castelan e vocabulario castelan-galego*. Vigo: Galáxia, 1983.

GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. (Eds.). *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 1999.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. Hacia una sociolingüística histórica. In: *Estudios de la Universidad de Alicante*, Alicante, n. 1, p. 181-226, 1983.

GOEBL, Hans. Quelques réflexions sur la scriptologie. In: *Actes du Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, tomo III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, p. 706-709.

GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e. A categoria gramatical de género do português antigo ao português actual. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras, 2005, p. 527-544.

_____. Métodos e contributos da linguística histórica para a abordagem de um texto antigo na aula de Português. In: *Actas das Jornadas Científi-*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

co-Pedagógicas de Português. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, p. 231-247.

GRAUR, Alexandru. Le rapport entre les facteurs internes et les facteurs externes dans l'histoire de la langue. *Revue de Linguistique*, tomo X, n 1-3, 1965, p. 69-73.

HUBER, Joseph. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuch-handlung, 1933.

_____. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*. Darmsdat: H. Nette, 1949.

KREMER, Dieter. Tradição e renovação no léxico latino-românico. *Verba*, n. 19, p. 7-18, 1992.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 17-92.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. (Orgs.). *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 9. ed. corr. e aum. Madrid: Gredos, 1991.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

_____. *Romanische Sprachwissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1962.

LLEAL, Coloma. *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova, 1990.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1989.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.

LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Madrid: Gredos, 1974.

MAHMOUDIAN, Mortéza. Linguistique et sociolinguistique. *La Linguistique*, vol. 26, fasc. 2, 1990, p. 47-76.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa. In: KREMER, Dieter. (Ed.). *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988, p. 327-347.

_____. Algumas reflexões sobre a disciplina “História da Língua Portuguesa”. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXI. Coimbra: Faculdade de Letras, 1996-1997, p. 1-25.

_____. *História da língua portuguesa*. Guia de estudo. Coimbra: Faculdade de Letras, 1995.

_____. *História do galego-português*. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____. Sociolingüística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre “português arcaico” e “português moderno”. In: *Diacrítica*, n.10. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos, 1995, p. 3-30.

MARQUILHAS, Rita. Mudança linguística. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, p. 563-588.

MARTINET, André. De la synchronie dynamique à la diachronie. In: *Fonction et dynamique des langues*. Paris: Armand Colin, 1989.

_____. *Função e dinâmica das línguas*. Trad.: Jorge Morais Barbosa e Maria Joana Vieira Santos. Coimbra: Almedina, 1995.

MARTINS, Ana Maria. Ainda "os mais antigos textos escritos em português". Documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, Isabel Hub. (Org.). *Lin-*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

dley Cintra. *Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999, p. 491-534.

_____. *Documentos portugueses do Noroeste e da região de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.

_____. Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis. In: *Caminhos do português*. Exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001, p. 23-71.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, p. 59-74, 1991.

_____. *Estruturas trecentistas*. Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

_____. *O português arcaico*. Fonologia. Campinas: Contexto, 1991.

_____. *O português arcaico*. Morfologia e sintaxe. Campinas: Contexto, 1994.

_____. *O português arcaico*. Uma aproximação, vol. I: Léxico e morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

_____. *O português arcaico*. Uma aproximação, vol. II: Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

_____. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, n. 19, p. 253-286, 1997.

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, vol. 10, n. especial, p. 247-276, 1994.

_____. (Org.). *A Carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996.

McMAHON, April Mary Scott. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MEIER, Harri. *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*. Separata de *Biblos*, vol. XVIII, tomo II, 1943.

_____. A formação da língua portuguesa. In: _____. *Ensaio de filologia românica*. Lisboa: Revista de Portugal, 1948, p. 5-30.

MESSNER, Dieter. A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas histórias das línguas românicas. *Boletim de Filologia*, tomo XXVIII, fasc. 1-4, p. 237-240, 1983.

_____. Portugiesisch: Periodisierung. In: _____. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2: Gallego, Português. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994, p. 618-623.

MILROY, James. *Linguistic Variation & Change*. On the Historical Sociolinguistics of English. Oxford: Blackwell, 1992.

MONTEIRO, José Lemos. A ortografia de Álvaro Ferreira de Vera. *Verba*, n. 19, p. 79-94, 1992.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

NISBET, Jhon; SHUCKSMITH, Janet. *Learning strategies*. London: Routledge and Kegan, 1986.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

OSÓRIO, Paulo. *Contributos para uma caracterização sintáctico-semântica do português arcaico médio*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

PAUL, Herman. *Princípios fundamentais de história da língua*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

PERKINS, David N. *Smart schools*. New York: The Free Press, 1992.

REMACLE, Louis. *Le problème de l'ancien wallon*. Liège: Faculté de Philosophie et Lettres, 1948.

ROMAINE, Suzanne. Historical Sociolinguistics. Problems and Methodology. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). *Sociolinguistics*, vol. II, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 1452-1469.

SEGOVIA OLMO, Felipe; BELTRÁN LLERA, Jesús. *El aula inteligente*. Nuevo horizonte educativo. Madrid: Espasa, 1998.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SELIG, Maria; FRANK, Bárbara; HARTMAN, Jörg. (Eds.). *Le passage à l'écrit des langues romanes*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença; Lisboa: Dinalivro, 1992.

_____. *Manual de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVA, Jaime Ferreira da; OSÓRIO, Paulo. *Introdução à história da língua portuguesa*. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico. Lisboa: Cosmos, 2008.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística*. Teoría y análisis. Madrid: Alambra, 1989.

SOUTO CABO, José António. *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. Coruña: Área de Filoloxías Galega e Portuguesa, 2008.

_____. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII. *Diacrítica*, tomo 17/1, 2003, p. 329-385.

STRAKA, Georges. La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. *Revue de Linguistique Romane*, n. 20, p. 249-267, 1956.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TOVAR, Antonio. *Lenguas prerromanas de la Península Ibérica*. A. Lenguas no indoeuropeas. 1. Testimonios antiguos; Lenguas prerromanas de la Península Ibérica. A. Lenguas indoeuropeas. 1. Testimonios antiguos. In: ALVAR, Manuel, BADIA MARGARIT, Antonio María; BALBÍN, Rafael de; CINTRA, Luís Filipe Lindley. (Eds.). *Enciclopedia lingüística hispânica*, vol. I, p. 5-26; 101-126.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. enriquecida com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959. [4. ed. 1966].

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; MENDES DA LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática portuguesa*. Tomo I. Madrid: Gredos, 1971.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for a Theory of Language. In: L. LEHMANN, Winfred

Phillipp; MALKIEL, Yakov. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin & Texas: University of Texas Press, 1968.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *From latin to portuguese*. Historical phonology and morphology of the portuguese language. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

_____. *Do latim ao português*. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

WINKELMANN, Otto. Portugiesisch: Geschichte der Verschriftung. *LRL*, vol. VI, n. 2, p. 472-498, 1994.

WRIGHT, Roger. *Late latin and early romance in Spain and Carolingian France*. Liverpool: Francis Cairns, 1982.

_____. *Latín tardío y romance temprano*. En España y la Francia Carolingia. Madrid: Gredos, 1989.

www.cipm.fcsh.unl.pt

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
**UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA
NO ESTUDO DIACRÔNICO DA LÍNGUA
EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DE RONDÔNIA**

Danielle Constantino de Lima (UNIR)
daniconsta@hotmail.com
Odete Burgeile (UNIR/VIGO-UFSC)
odetebur@gmail.com

RESUMO

O estudo apresenta uma abordagem sociolinguística acerca do estudo diacrônico em matérias jornalísticas, expondo a língua e os aspectos culturais do estado de Rondônia. A pesquisa possibilita a reflexão sobre os processos que constroem sociedades híbridas, influenciadas pelos processos migratórios que ocorrem durante sua formação e ocupação. Por meio do fato noticioso que é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos, foi possível acompanhar as transformações por que passam os textos juntamente com as mudanças linguísticas, motivadas pela mobilidade das ações sociais, culturais, políticas, tecnológicas e históricas. Com o percurso sociolinguístico, é possível observar os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, analisando as marcas de heterogeneidade de forma diacrônica, sendo identificados fenômenos sintáticos, morfológicos, semânticos e diafásicos, sob a luz de alguns conceitos encontrados em teóricos desde clássicos como Saussure (1975), Labov (1976) e Meillet (1965), chegando-se a postulações mais recentes como as de Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e Stuart Hall (2003), entre outros. Para atingir esse objetivo, delimitou-se como *corpus* um conjunto de dez matérias jornalísticas publicadas nos anos de 1918, 1981 e 2015.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação diacrônica. Jornal impresso.

1. Introdução

Entendemos, como Queiroz (2009), que a escrita é uma fonte de preservação da memória linguística de um povo. É através dela que o homem registra a sua memória: literatura, ciência, direito, religião e ideologia. Assim, o *corpus* está voltado para a observação da língua, cultura e sociedade no século XX, imprimindo a discussão teórica quanto à origem ortográfica, lexical ou sintática, descrevendo e apresentando reflexões sobre as características da língua dentro do recorte de matérias de quase 100 anos, coletados de jornais impressos locais.

A metodologia adotada aponta para uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório e fenomenológico, uma vez que está interessada em registrar a vivência do "outro" e, nas análises, está aberta a outras interpretações.